



**Relatório de estágio**  
**Experiência profissionalizante na African Media**  
**Association Malta**

**Giacomo Giacomoni**

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em  
**Cinema**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Luís Nogueira

**Fevereiro de 2020**



# **Resumo**

O presente relatório de estágio dá conta da experiência pessoal e profissional obtida em Malta na empresa African Media Association Malta, entre março e agosto de 2019.

A peça central desse estágio foi a produção de um Workshop destinado a imigrantes residentes em Malta, utilizando o celular como instrumento central para o aprendizado da linguagem cinematográfica e para o desenvolvimento de filmes utilizando os smartphones para as gravações e para a montagem.

O relatório apresenta ainda uma análise de cada filme final produzido, num total de seis, a fim de identificar como o aprendizado em aula foi traduzido para as obras.

O objetivo central era de tornar o ensino básico da linguagem cinematográfica acessível e dar voz a novas formas de narrativa e de novas interpretações do mundo.

## **Palavras-chave**

cinema;imigração;celulares;workshop



# **Abstract**

This internship report tells the personal and professional experience in Malta at African Media Association Malta, that happened from March till August of 2019.

The central part of the internship is a production of a film workshop, intended for immigrants living in the country, using their own cellphones as main instrument to learn the basis of the cinematographic language and to develop their movies, from recording till the editing. The report still presents individual analysis of the 6 films produced, in order to identify how the cinematographic language they learned is translated to the movies.

The specific objective was to make the basis of cinematographic languages accessible and give possibility to see new types of narratives and world's interpretation.

## **Keywords:**

cinema;immigration;cellphones;workshop



# Índice

Introdução	9
1. African Media Association Malta	11
1.1 Motivação	12
1.2 Enquadramento	14
1.3 Plano de comunicação	15
2. Workshop	19
2.1 Contextualização do projeto	19
2.2 Lights, Smartphone and Action!	20
2.2.1 Conteúdo do Workshop	21
2.2.2 Exercícios propostos	23
2.2.3 Datas, local e divulgação	25
2.2.4 Aulas	26
3. Análise crítica	37
3.1 Relativo ao conteúdo do workshop	37
3.2 Relativo ao cronograma e formatação do workshop	38
3.3 Relativo as produções	39
3.3.1 Kátia	40
3.3.2 Gracielly	41
3.3.3 Léo	44
3.3.4 Luísa	45
3.3.5 Belina	45
3.3.6 Cristina	46
3.4 Balanço Geral.	46
4. Conclusão	49
Referências Bibliográficas	51
Anexos	53



# Introdução

O surgimento do cinema esteve atrelado ao crescimento de uma nova cultura de massas. Desde o seu início, cristalizou-se no imaginário coletivo, como um buraco de fechadura para novos mundos, novas fantasias e histórias. Desde então, esteve de mãos dadas com o imaginário social, promovendo transformações culturais. Não obstante, na atualidade da era digital, as possibilidades para com o cinema abrem uma nova brecha na medida que o acesso as formas de produção – até então restritas a uma parcela de alto domínio econômico, devido aos custos de produção – é viabilizado, também, graças ao barateamento de tecnologias como celulares de alta performance, contendo câmeras de boa resolução, microfone, processadores capazes de editar e assim por diante. Está a surgir, ainda que recente, um *boom* de produções independentes à medida que o acesso é facilitado. Atualmente, as massas não só consomem cinema quanto podem o produzir. Seja para fins de mídias sociais ou para experimentações artísticas, a internet, com o seu acesso imediato e a possibilidade de compartilhamento, possibilita uma gama de novas possibilidades a serem exploradas no campo.

Os smartphones atuais são mais potentes do que os computadores de 10 anos atrás e em 10 anos já teremos outras formas de se relacionar com novos tipos de tecnologias, como a realidade virtual. Tom Chatfield, em seu livro “Como aproveitar ao máximo a era digital” (2012) diz que “Todas as tecnologias nos transformam à medida que as vamos utilizando: nas palavras de Marshall McLuhan, pioneiro canadiano nos estudos da comunicação, ‘nós moldamos as nossas ferramentas e, por conseguinte, as nossas ferramentas moldam-nos a nós’” (p. 23). Sendo assim, entende-se que o celular, já intrínseco no nosso cotidiano, é uma ferramenta capaz de promover um acesso a possibilidades criativas e narrativas. Todavia, essas ferramentas não são bem exploradas se não existir um domínio teórico e técnico das mesmas para além do aprendizado empírico. Sem entender a linguagem cinematográfica e os seus efeitos, restringem-se as possibilidades de interpretação fílmica e de produções dos mesmos.

Ligando tudo isto a temática da imigração, visa-se que esse aprendizado pode ser relevante para uma camada quase que invisível nas sociedades. Aqui, há uma vontade de poder entregar a possibilidade para essa parcela populacional e observar diferentes narrativas a serem construídas, capacitando-os com uma literacia digital. O celular, para quem está longe de sua terra natal, é uma das poucas formas de estabelecer contato com familiares e

com quem está distante. Então, porque não ampliar as potencialidades criativas destes dispositivos, sem intermediadores, precisamente uma das características da era digital?

Este relatório de estágio conta com três capítulos. O primeiro capítulo narra os acontecimentos prévios para a escolha do tema e da instituição African Media Association Malta, como cheguei ao tema da imigração e como aplicar o cinema dentro desse contexto. Além disso, o capítulo conta quais foram os acordos estabelecidos para com a instituição para a formulação do estágio, bem como a primeira parte do mesmo, relativo ao plano de comunicação.

O segundo capítulo narra a trajetória e o processo do workshop, desde a sua formulação, passando pelo conteúdo escolhido, a divulgação, o cronograma, os exercícios desenvolvidos, as aulas dia-a-dia, até aos relatos das experiências, dentro e fora da classe, com os alunos.

Por fim, o terceiro capítulo traz uma abordagem mais a fundo dos filmes produzidos por cada aluno, assimilando uma reflexão dos intuitos dos estudantes e do desenvolvimento dos seus projetos até o filme final, analisando o teor cinematográfico e a conversão do aprendizado em aula nos seus filmes. Também conta com um balanço geral dos prós e contras do projeto e soluções alternativas para o aprimorar em possíveis futuras edições.

# 1. African Media Association Malta

A opção de estagiar com a African Media Association Malta deu-se após o contato com a instituição através de um estágio realizado anteriormente em 2018, no Mahalla Festival<sup>1</sup>, festival de arte itinerante que no ano de 2018 locou-se neste país mediterrâneo, que por conceito trabalha múltiplas artes contemporâneas, tendo como viés os processos migratórios e as complexidades socioculturais e políticas do espaço geográfico do oriente médio e mediterrâneo. De acordo com o PressKit, “The general vision of the festival is to question a dystopian reality of excluding “the other” in the form of the migrant, the poor, the opposite sex, the unknown.”<sup>2</sup> A sede da empresa se encontra na Turquia e a edição de Malta foi a segunda. O festival contou com parcerias locais para sediar o evento, como museus e centros de voluntários, principalmente na capital Valletta e em Zabbar.

Os criadores do festival, Sabine Küper Büsch e Thomas Büsch, já trabalham na produção e realização de documentários, e por isso dedicaram boa parte do festival para a área do cinema, com exposições de vídeo-arte, de documentários e de ficções pautando temáticas africanas e\ou produções do continente; nessa secção trabalhei em assistência de produção, aprendendo metodologias e formas de execução do festival.

Outro ponto relevante do festival foi a produção de um workshop de vídeo para imigrantes, em sessões realizadas nos finais de semana pela manhã. O projeto inicialmente contou com uma turma de mais de 10 alunos. Ao fim do projeto, se contava com a participação de 3 alunos e 3 projetos finalizados que podem ser vistos no site do projeto.

Estar envolvido na produção do festival, em contato com as obras de arte, os artistas e os outros estagiários, me ajudou a entender como funcionam as dinâmicas migratórias mediterrâneas (envolvendo países da África Subsaariana, Turquia e países europeus banhados pelo mar entre África e Europa). Isto despertou um interesse pessoal relativo aos efeitos das artes no diálogo político com as questões migratórias. A temática migratória aborda movimentos inerentes à condição humana, desde a nossa origem, e que atualmente

---

<sup>1</sup> A Festival of film, literature, contemporary art, debates and several activities combining events that invite local and international participants to mobilize visitors to explore communities under new aspects. The Festival is located in venues around Valletta, St. Lucija and Zabbar in Malta. Maltese and international participants are presented in exhibitions, concerts, performances, screenings and talks displaying different topics: language and migration, communities and diversity, new city cultures, mobile citizenship and future demands of communities. All events of the Mahalla Festival are Free of Charge. [http://mahalla.inenart.eu/wp-content/uploads/2018/11/1\\_Mahalla\\_Presstext.pdf](http://mahalla.inenart.eu/wp-content/uploads/2018/11/1_Mahalla_Presstext.pdf)

<sup>2</sup> [http://mahalla.inenart.eu/wp-content/uploads/2018/11/1\\_Mahalla\\_Presstext.pdf](http://mahalla.inenart.eu/wp-content/uploads/2018/11/1_Mahalla_Presstext.pdf)

toma proporções especialmente complexas, e relaciona-se com novos fatores nos dias globalizados de hoje, em que os muros das fronteiras se tornam maiores ou menores de acordo com a origem de cada imigrante. Em suma, Nuno Higinio consegue sintetizar bem os dilemas constitutivos de um imigrante:

Aquele que chega e se prepara para cruzar a fronteira - o estrangeiro - entra noutro país, noutro mundo, por mais parecidos e globalizados que sejam os países e 'os mundos' hoje em dia. Quer se trate de estrangeiro legalizado (com autorização explícita de entrada e permanência por tempo limitado ou ilimitado) ou de um "sem-papéis", a passagem de fronteira representa sempre a aceitação de uma situação de certa debilidade e certa inferioridade. Aquele que passa a fronteira vê-se obrigado, ainda que de forma implícita, a suspender a sua língua, sua cidadania, os seus hábitos e costumes. Identificado, interrogado, marcado, inspecionado, carimbado à entrada, compromete-se, ainda que implicitamente, a respeitar as leis do país do acolhimento e o seu ordenamento social, jurídico, laboral, empresarial, administrativo, burocrático, etc. (HIGINIO, nuno, pg.13, 2010).

## 1.1 Motivação

Me adentrar nas temáticas migratórias atuais tornou-se, para mim, um ponto de encontro pessoal. Para boa parte da população, questões de identidade e pertencimento não se assumem como interesse, talvez por estas mesmas pessoas terem bem definido seu senso de identidade cultural e social. Para outros, e é aqui me “identifico”, há várias questões pertinentes em relação a sensação de (falta de) pertencimento, de não estar vinculado a terra nenhuma desde o meu nascimento, tendo de me mudar constantemente dentro do Brasil, de descender de uma família de imigrantes ítalo-suíça, que por melhores condições de vida ao meio do *boom* emigratório europeu do início do séc. XX<sup>3</sup> foram rumo ao desconhecido na América, deslocados de sua terra natal, e que todavia perpetuaram um discurso nostálgico de saudades e de pertencimento de outras terras, mais tarde sendo reconhecido com a obtenção do passaporte Italiano.

Ter tido a possibilidade de estar a par do workshop de vídeo realizado e da produção do Mahalla festival corroborou para um aprendizado na área de planejamento e realização de projetos. Entender o processo de execução foi fundamental para fazer um balanço geral. Após o festival, pude me aprofundar em pensamentos sobre uma das faces da arte, enquanto sistema de reflexão social. Nesse sentido, pude melhor compreender como as obras artísticas se revelam um espelho subjetivo de um determinado contexto, de uma representação visual e sonora sintetizada em telas, instalações, performances e cinema. Essas práxis estão muito longe de uma lógica de um discurso de massa, da necessidade de um mediador (rádio, televisão, jornal) que edita a informação de acordo com o viés editorial

---

<sup>3</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/especial/migrantes/migrantes.shtml>

de cada mídia (de cada mediação). Sendo assim, a escolha dos artistas para compor a obra – quais técnicas e que materiais utilizar – determina também uma camada sensível da própria mensagem. Se na comunicação McLuhan nos diz “o meio é a mensagem” (1969), nas artes a escolha de materiais e técnicas também conotam a mensagem em si, sendo meio da mensagem e também componente da mensagem. O mesmo pensamento serve quando se pensa no cinema enquanto, por exemplo, videoinstalações e vídeo artes. As escolhas de uma montagem inteligente ou diferentes formas de exibição para o uso do espaço, por exemplo, proporcionam ao espectador a absorção da mensagem, ou das mensagens, ou entrega uma mensagem a ser construída pelo espectador.

Para o cinema, este domínio da linguagem cinematográfica é a base para elucidação das obras, para a construção do sentido, o que é muito facilitado nos dias de hoje pelo acesso as ferramentas necessárias, pelo barateamento do equipamento (comparado ao que aconteceu ao longo da história do cinema ou há 30 anos atrás), e também pela integração de múltiplos recursos em um só *gadget*, o celular. O que falta, todavia, para uma maior abrangência de pessoas produzindo cinema (seja em caráter pedagógico, experimentação, social ou outro contexto) não é então o acesso as ferramentas, mas saber como compor as imagens e os sons a partir da teoria e da estética cinematográficas.

Por conseguinte, enviei emails para as ONGs maltesas relativos ao estágio, dentro das possibilidades para trabalhar no meu campo, e consegui ser aceito para estagiar na African Media Association Malta. De acordo com a página da associação no Facebook<sup>4</sup>, “African Media Association Malta promotes The African Perspective. As a media organization, our aim is to develop an inclusive multimedia network where all the members can find a place to debate. We also work media literacy, empowerment through jobs related skills, capacity building and advocacy”.

A AMAM é uma ONG baseada na capital Valletta, criada em 2014 por um imigrante sudanês, inicialmente operando-se enquanto uma rádio comunitária para as comunidades africana em Malta, país este que se encontra central nas questões migratórias europeias<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> [https://www.facebook.com/pg/africanmediamalta/out/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/africanmediamalta/out/?ref=page_internal)

<sup>5</sup> <https://www.dw.com/pt-br/pa%C3%ADses-da-ue-fecham-acordo-sobre-redistribui%C3%A7%C3%A3o-de-migrantes/a-50554433>

<https://www.dn.pt/mundo/interior/reportagem-malta-e-ilha-dividida-entre-o-dever-de-auxilio-e-os-limites-fisicos-9683312.html>

sendo um dos países que mais recebe refugiados: “Em cada 1.000 habitantes malteses, 19 são refugiados, colocando Malta entre os principais países receptores a nível mundial”<sup>6</sup>.

Um dos objetivos da mesma instituição é a inserção econômica e social destes imigrantes, disponibilizando não só acesso à informação, mas também procurando, de acordo com o ponto 8 dos objetivos da instituição: “To assist migrants in any ways possible, including training, mentoring, coaching, supporting their communities and in helping them to find work”.

Da perspectiva econômica, o país é um espaço favorável para conseguir emprego, com muita oferta de trabalho, boas oportunidades para arranjar *work permit*, tendo uma das menores taxas de desemprego da União Europeia (3,4% em agosto de 2019<sup>7</sup>), potencializando a vinda de imigrantes de diversos países (Itália, Brasil, Sérvia, etc.) a fim de garantir uma vida estável.

Por outro lado, questão mais desafiadora, é a inserção social destes deslocados na sociedade maltesa, uma questão mais sutil de mensurar e em que há muito a ser feito. O posicionamento da AMAM frente a essa questão está na própria origem da instituição, como uma rádio comunitária, que se desenvolveu mais tarde para outras mídias, incluindo a área do cinema e vídeo-jornalismo.

## **1.2 Enquadramento**

Por isso, o estágio foi direcionado ao campo das mídias, integrando meus conhecimentos de comunicação obtidos no campo profissional e no bacharel em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda com, e especialmente, os estudos na área de cinema no mestrado da UBI.

Pode-se dividir a experiência profissional na AMAM em duas partes: a primeira relativa ao plano de comunicação (que desenvolverei no próximo ponto) e a segunda relativa ao workshop de cinema para celulares, que constitui a principal parte do relatório (e que constituirá o capítulo seguinte). Os trabalhos foram realizados com a supervisão e assessoria de Regine Psaila e Natalia Padròn, diretoras executivas, que supervisionaram todo o processo do estágio.

---

<sup>6</sup> <https://www.dn.pt/mundo/reportagem-malta-e-ilha-dividida-entre-o-dever-de-auxilio-e-os-limites-fisicos-9683312.html>

<sup>7</sup> <https://tradingeconomics.com/malta/unemployment-rate>

O início do estágio se deu em uma primeira reunião para deliberar os trabalhos a serem feitos, quais das demandas da organização poderiam acrescentar na minha formação profissional, além de ficar a par dos projetos em andamento. Na mesma reunião conversamos sobre como o estágio poderia se focar na área do cinema e como esta ação poderia ser benéfica para a ONG e para seus públicos. Apresentei a proposta do workshop sobre produção de filmes com smartphones como parte fundamental para se integrar no estágio, o que por ventura se identificava com um projeto em andamento, UPGRAD\_ME<sup>8</sup>, projeto financiado pelo programa *Erasmus Plus* desenvolvido pela instituição e implementado em parceria com a *Solidariedad Sen Fronteras* (Spain) e *Arcigazzi Portici* (Italy). Este projeto desenvolve a capacitação de jovens imigrantes trabalhadores através da produção de CV em vídeo, usando os seus celulares e o aprofundamento da literacia digital, como o uso de aplicativos para acessar e-mails, mapas e sites de armazenamento em nuvem, garantindo competências na busca de emprego. Por vezes muitos imigrantes têm de pagar para terceiros escreverem os seus currículos e ainda assim estes currículos não contemplam suas habilidades, e assim perdendo oportunidades por não saberem usar e-mails ou como chegar ao lugar da entrevista, por exemplo. Parte do projeto envolveu a criação de tutoriais no youtube a ensinar como usar aplicativos aqui já descritos. No fim da reunião, ficou acordado que o estágio iria ser composto por alguns trabalhos na área de comunicação, para mais tarde trabalhar o workshop.

O primeiro trabalho feito foi relacionado com o projeto UPGRADE\_ME, na demanda de reeditar o vídeo promocional do projeto. Eles possuíam já o *footage*, porém sem edição por falta de tempo. Já não era mais possível regravar o vídeo devido aos deadlines e porque os representantes das instituições parceiras já tinham voltado aos seus respectivos países. Então acabei por corrigir as cores do vídeo, editar o vídeo e trabalhar o som<sup>9</sup>.

### **1.3 Plano de comunicação**

Após o primeiro trabalho realizado, foram-me solicitadas pequenas tarefas na área de comunicação como, por exemplo, a criação de conteúdo para as redes sociais e a análise de dados dos mesmos. No meu entendimento àquela altura, essas demandas não estavam alinhadas de modo algum com o próprio posicionamento da instituição. Cada canal de comunicação tinha um posicionamento diferente, isto é, não havia uma coerência entre os canais em si e os seus conteúdos. Conversamos em reunião que, mais necessário do que preencher um espaço no mundo digital, era mais inteligente pensar num propósito para as

---

<sup>8</sup> <https://www.facebook.com/VideoCVMobilePhone/>

<sup>9</sup> Para ver o vídeo completo: <https://www.facebook.com/VideoCVMobilePhone/videos/259053905032434/>

publicações. Falava-se de literacia midiática, mas, ao mesmo tempo, não se entendia as dinâmicas de cada rede social. A ONG, na verdade, precisava conseguir transmitir seus objetivos através de uma imagem assertiva, de acordo com cada canal de informação.

Por mais que meu estágio fosse direcionado para o cinema, tinha-se acordado antes do contrato assinado a necessidade de produzir também para a área de comunicação. Ao mesmo tempo, como comunicólogo, não poderia deixar de atender à necessidade maior da empresa, ainda que a própria não tivesse enxergado tal demanda interna.

Foi afirmado, então, que, ao invés de eu fomentar as páginas das redes sociais, devia produzir um plano de comunicação. O plano de comunicação conta com: um briefing, a história e os objetivos da instituição, uma análise SWAT, os projetos e eventos, a análise da imagem da ONG nos canais de mídias online da instituição, a identificação da audiência (faixa etária, nacionalidade, gênero, etc), as diretrizes para a criação de conteúdo, a calendarização para o ano 2019-2020 e a definição dos s.m.a.r.t goals.

Com o plano de comunicação, então foi possível delimitar os objetivos relativos à imagem e posicionamento da ONG, relatados nos s.m.a.r.t goals. Desse modelo de objetivos consta uma longa lista de metas anuais, como, por exemplo, um aumento percentual no número de seguidores definido, a calendarização das postagens durante a semana, a produção de um podcast por semana, entre outros. A produção do plano de comunicação durou até o fim de maio, onde depois pude me dedicar ao workshop.

O objetivo mais trabalhoso foi a reformulação da identidade visual, que fosse mais assertiva na transmissão dos valores da instituição e mais dinâmica, a fim de poder ser aplicada nas redes sociais, no site e na produção gráfica. Desde a criação da rádio em 2014 existiu uma pequena reformulação na marca e, conforme a ONG foi se desenvolvendo em outros setores para além da rádio, a marca original já não reiterava um entendimento completo da instituição.



Figura 1- Primeiro Logo da instituição



Figura 2 - Reformulação do Logo

O princípio da nova marca era veicular ideias que a instituição entendia como fundamentais para a imagem, tais como credibilidade, diálogo e afetividade, através de uma imagem versátil e prática, concebida para a era transmidiática, ao serviço do off-line e do online, para as redes sociais e para o site, com referências de artigos e notícias, através de uma perspectiva africana.

A nova marca aprovada foi “ao ar” no dia 21 de maio nas contas online da AMAM, junto com a entrega do manual de marca e os arquivos para a produção gráfica, finalizando a parte comunicacional da empresa. Daqui em diante, pude dedicar-me a desenvolver profundamente o workshop.



Figura 3 - Marca criada para a AMAM



## 2. Workshop

### 2.1 Contextualização do projeto

Como referi anteriormente, as fundações do projeto de workshop consistem na intersecção dos smartphones no aprendizado da linguagem cinematográfica. Os motivos que me levaram a querer trabalhar este tema são devido a experiência obtida durante o Mahalla festival, enquanto assistente no workshop de vídeo. Apesar do projeto contar com a produção de vídeos por parte dos alunos, não houve durante a programação o ensinamento da linguagem cinematográfica. Tomei como início do meu projeto a necessidade de colocar no centro do meu o ensinamento teórico da linguagem cinematográfica, focando na realização de filmes embasados pelas teorias cinematográficas. De modo a entender o contexto, foi necessário pesquisar sobre o tema. Os resultados apontaram que o primeiro projeto similar com este tema aconteceu em 2008, quando a filmmaker francesa Marie-Dominique Dhelsing realizou um workshop de filmmaking utilizando celulares no Congo<sup>10</sup>.

De fato, uso dos celulares para projetos criativos é uma boa oportunidade devido ao desenvolvimento veloz dos aparatos digitais, numa velocidade tão rápida que se torna difícil a apreciarmos, uma vez que já estão naturalizados em nossa rotina. Um panorama temporal pode nos dar uma base para o entendimento do fenómeno: o primeiro celular com câmera foi lançado em 2001; a possibilidade de mandar e-mails nos dispositivos em 2002. Foi em 2007 que a Apple mostrou sua revolução com o iphone (graças ao touchscreen) e só em 2011 (menos de 10 anos) que surgiu o 4g, uma rede de dados móveis capaz de sustentar um fluxo rápido no acesso à internet. Já nos dias de hoje, mais da metade do acesso à sites na internet é feito por celulares.

Quase todas as áreas criativas se beneficiaram da acessibilidade e conectividade dos celulares, impulsionando a rede de contatos, parcerias e facilidades para manipulação digital. Ao invés de ter conhecimentos profundos de softwares, os aplicativos e os sistemas operacionais dos celulares se tornam aliadas criativas. Por exemplo, as inserções de frases e texto sobre fotos tinham de ser feitas exclusivamente em computadores e utilizando programas tais como photoshop; com os avanços proporcionados pelas telas touchscreen, a mesma ação pode ser feita quase que instantaneamente. Para fazer uma foto panorâmica, era necessário fotografar as fotos isoladamente e juntá-las no photoshop; com os celulares

---

<sup>10</sup> <http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/03/24/congolese.workshop/?iref=nextin>

é possível fazer o mesmo efeito apenas movimentando o dispositivo para a vertical. Ainda que softwares de manipulação visual e sonoros sejam necessários em níveis profissionais, o primeiro contato para noções de captação de imagem, som, vídeo, design e até programação de códigos estão ao nosso serviço em alguns toques. Abriu-se logo um mercado para a utilização desses recursos. Primeiro relativo aos aplicativos, no que é possível gerar renda através do pagamento ou mensalidade de uso, para se utilizar recursos mais profissionais ou essenciais. Segundo, há um mercado de conteúdos para aprender a utilizar todos estes recursos ao máximo, seja em cursos online ou na publicação de livros especificamente voltados para o melhor uso de certas redes sociais, ou para potencializar o uso dos recursos base de um celular como fotografia e vídeo. Atualmente é possível encontrar tanto tutoriais gratuitos na internet quanto workshops periódicos pagos para o melhor aproveitamento das qualidades técnicas dos smartphones.

Na relação do cinema com o celular, existem exemplos positivos referentes ao uso destes dispositivos na produção de filmes, sendo este um dos fatores que me ajudou a embasar e compreender as possibilidades que o workshop poderia ter. Filmes como *Tangerine* (Sean S. Baker, 2016) e *Unsane* (Steven Soderbergh, 2018) mostram (além do discurso metalinguístico para com o argumento dos respectivos filmes) que os celulares comportam a estrutura de requisitos técnicos necessários para a produção de um filme, no que diz respeito a captação de imagem e som.

Outro fator de afirmação da pertinência do uso dos celulares para a produção de filmes está nos festivais de filmes exclusivos para produções com estes dispositivos: Mobile Motion Film Festival, Cinephone, Toronto Smartphone Film Festival (TSFF), Mobile Film Festival (MFF), entre outros.

O último ponto a ter atenção é o entendimento de que o cinema possui um papel social dentro da cultura. Um tópico muito atual que se discute hoje em dia no campo das mídias, por exemplo, e a questão da representatividade nas telas. Se há 10 anos só enxergávamos o mesmo padrão fenotípico de atores e argumentos repetitivos, hoje percebemos a importância e os efeitos de uma maior pluralidade de representações em produções cinematográficas e midiáticas.

## **2.2 Lights, Smartphone and Action!**

Este contexto auxilia a concretização do projeto que se tinha em mente, colocando como objetivo a abertura para que imigrantes pudessem aprender a fazer filmes com o celular. De nenhum modo o workshop demonstra interesse em formar profissionais na área, visto que há um vasto conhecimento acadêmico e técnico imprescindível para tal. A intenção do

workshop é ser um primeiro acesso aos modos de produção do cinema, a uma melhora no uso dos recursos dos smartphones no dia a dia, sem grandes investimentos econômicos, e uma demonstração de que com estes meios é possível a concretização de ideias audiovisuais, incluindo a própria fase da montagem. Foi através desta correlação da acessibilidade e da produção de filmes que veio a ideia do nome para o workshop: *Lights, Smartphone and Action!*, fazendo alusão a um dos jargões mais famosos do cinema, aqui através do uso dos smartphones.

O primeiro passo estipulado dentro do agendamento de execução do workshop foi elaborar o conteúdo a ser apresentado e entender as dinâmicas necessárias para atrair os destinatários da iniciativa. O intuito central era o ensino prático da linguagem cinematográfica, sintetizada na criação individual de um filme por cada aluno, com a finalidade de pôr em ação os conhecimentos obtidos no programa. Para isso, era necessário abordar de modo conciso a “linha de produção”

Foi-se pensando, então, numa divisão em três etapas para o workshop, de modo a segmentar em três bases a criação de um filme – pré-produção, produção e pós-produção –, de forma que o ensino linear trouxesse mais clareza para os estudantes quanto ao processo de produção de um filme - aqui cabe salientar que um dos desafios, antes mesmo de selecionar o conteúdo, era o objetivo de apresentar um conteúdo coerente e acessível a todos que quisessem estudar cinema.

Inclusive, esta foi uma das pautas tratadas em reuniões com Regine e Natalia, sobre ter cuidado em relação não só ao conteúdo, mas também na forma de apresentação do workshop. Como o projeto é voltado para imigrantes, tive que tomar cautela na hora de montar o conteúdo para que fosse o mais inclusivo possível, uma vez que participante possuiria uma bagagem educacional diferente. Além disso, era necessário ter em mente a rotina das pessoas para poder definir o horário e a datas.

Como já estavam estabelecidas três partes para o projeto, ficou combinado ser realizado em três finais de semana, ao fim de julho e início de agosto, destinando cada final de semana para uma parte, iniciando no dia 20 de julho e com a última aula em 11 de agosto. O receio maior para esse longo modelo era se haveria o comprometimento por parte dos alunos durante três finais de semana aos sábados e domingos.

### **2.2.1 Conteúdo do Workshop**

A razão determinada para a seleção dos conteúdos a serem desenvolvidos no workshop está diretamente relacionada com as capacitações tecnológica dos smartphones, voltada para as

caraterísticas e condições dos aparelhos; porém, não só focada nos procedimentos técnicos, mas também nos possíveis sentidos e interpretações que as imagens podem significar: os efeitos que a linguagem cinematográfica exerce no público; as diferenciações de ângulos e enquadramentos; a história a ser contada.

A crença foi de que o ponto de equilíbrio da proposta podia se alternar entre técnica e significado, teoria e prática, de modo que os aprendizados pudessem ser convertidos em experimentações a partir dos exercícios propostos para o projeto descrito abaixo e que estes mesmos estivessem inseridos durante o dia-a-dia dos participantes, que eles pudessem praticar diariamente a fim de treinar o olho e olhar com mais atenção à volta e serem agentes ativos na captação de *footage*, e, quem sabe, eles pudessem carregar esta prática com eles a partir de então.

Toda a narrativa é composta por uma linguagem. Seja ela verbal ou não, a comunicação é composta de um bricolé informacional do que nossos sentidos captam, e do que os mesmos expressam. Falar em linguagem é dar um passo para trás e refletir sobre essa construção de significantes e significados que nos constituem. Propriamente, na linguagem verbal, nos moldamos a partir da seleção de palavras específicas, repetidas ou variadas, a fim de desenhar nossas circunstâncias - a linguagem como construção da verdade do real. Tirando nossa língua-mãe, aprender outra língua significa compreender a palavra, o som da mesma e o significado desta, a modo de se comunicar verbalmente e na escrita. Não segui distinção dessa linha de raciocínio para construir o conteúdo do workshop. Entende-se através da história do cinema, por exemplo, o que é um grande plano e o que ele significa, quais são as especificidades e quais informações ele carrega em sua imagem. Me apoiei na estrutura do aprendizado de uma “língua estrangeira” para compor o enredo do workshop, como um dicionário cinematográfico. Ainda que básico, as escolhas foram feitas justamente para eles terem um vocabulário inicial na linguagem cinematográfica. Poderia ser feito com uma analogia simples: cada plano, uma palavra, cada cena, uma frase, e o produto final sendo esse “texto” formado pelas escolhas organizadas destas frases no momento da montagem.

Por isso, então, os critérios para selecionar o conteúdo do workshop priorizavam o imprescindível, ou seja, as “palavras-base” para poderem “falar” e também compreender um pouco a “língua do cinema”: os tipos básicos de plano, de enquadramento, a importância do quadro, o ângulo, a composição de três pontos da luz, o eixo, o movimento de câmera, o tempo (FPS), a captação de som e montagem. Utilizei o livro *As Lições do Cinema: manual de filmologia*, de João Mário Grilo, e o livro *Cinema, primeiro filme*, de Carlos Gerbase (2012), para seguir uma linha do conteúdo de modo coerente e otimizar o tempo estipulado.

A divisão do conteúdo entre os dias estava esteve atrelado a progressão linear do desenvolvimento do filme dos alunos, e, sendo assim, toda a parte teórica descrita acima seria apresentada nas duas primeiras sessões, exceto a montagem, destinada as últimas aulas.

Relativos aos enquadramentos, abordei apenas três planos: plano geral, para dar o contexto da cena; plano médio, para dar a relação dos personagens com o ambiente; plano detalhe, dando atenção a imagens que não conseguimos captar a olho nu e importantes para o desenrolar da história. Assim, acredito que seria possível um entendimento da relação informação x detalhe: os planos gerais com muita informação e poucos detalhes mostrando contrastes, composições, noção de lugar; os planos de detalhe sendo o oposto, compondo-se em texturas e minúcias. Ainda que o plano-sequência seja manifesto e uma técnica incrível de dinâmica e composição, não acredito que a valia deste mesmo fosse prioritária para um primeiro encontro.

No que se refere ao enquadramento, optei por também incluir a gravação em vertical no conteúdo, visto que este modo de gravação é muito presente nos celulares. Até porque, a regra dos terços para a distribuição dos elementos na imagem também é válida para gravações na vertical.

Como o foco central era guiado rumo a valorização das narrativas pessoais, e que histórias de vida são importantes e válidas (uma vez que cada indivíduo possui um olhar único frente ao mundo), me apoiei em Jonas Mekas, o padrinho do cinema *avant-garde* americano, enquanto referência para ilustrar as potencialidades das narrativas pessoais, sendo ele um imigrante lituano fugido a Nova Iorque após ter trabalhado em um campo de trabalho forçado nazista, e que se utilizava de uma super 8 também para retratar a cidade, sua vida social, inserindo e vivendo o cinema no cotidiano.<sup>11</sup> Inseri Jonas Mekas na programação do workshop para embasar e quiçá encorajar os participantes através da sua trajetória pessoal e profissional.

### **2.2.2 Exercícios propostos**

O que determinou a seleção da parte teórica descrita acima foi o objetivo maior de dar base para os alunos terem o conhecimento mínimo necessário para a produção de um filme. Dentro das circunstâncias queria trazer para o programa três exercícios individuais e um exercício coletivo. Para melhor organização no decorrer da atividade, classifiquei os três

---

<sup>11</sup> <https://www.publico.pt/2019/01/23/culturaipilon/noticia/morreu-jonas-mekas-padrinho-avantgarde-cinema-norteamericano-1859093>

exercícios em “A”, “B” e “C”. O incentivo das práticas era de que eles pudessem trazer para a sala ideias relacionadas as suas visões do mundo, e criarem a partir dos interesses próprios e quem sabe das suas trajetórias pessoais.

Em ordem cronológica, o primeiro exercício (A) seria a gravação de um minuto, em câmera parada, de qualquer coisa que lhes chamasse a atenção, e que eles explorassem as camadas sensoriais e texturas das imagens com o som ambiente. A intenção deste exercício é que eles compreendessem a dinâmica peculiar do tempo quando gravamos, como o entendimento do tempo é diferente em um ecrã, e principalmente a compreensão de que cada imagem possui um tempo específico de duração, de “maturação”. Este exercício seria apresentado logo no primeiro dia, para que eles também começassem a praticar o olho, em relação ao enquadramento, as proporções, a regra dos terços, tendo noção da disposição dos objetos na imagem. Estes vídeos seriam mostrados em aula e os alunos teriam a oportunidade de falar das sensações de cada vídeo e desmembrarmos a imagem para chegar aos porquês daquelas sensações e da composição da imagem. Essa abordagem construtivista dentro da sala de aula me parece ser o ponto chave para a construção de um conhecimento sólido em que o estudante também se torna parte da produção do conhecimento e não só passivo a absorver a informação. Isto é válido quando incentiva o poder de voz e visão dos estudantes enquanto realizadores. Acredito que para além da técnica, esta é a tecla mais batida durante todo o projeto. Ilustraria, por exemplo, como certos diretores se tornam quem são em suas obras devido as escolhas pessoais em processos de repetição. Wes Anderson e o alinhamento, Kubrick e o ponto de fuga, a filosofia existencialista de Godard, o suspense psicológico tramado por Hitchcok, o caráter social de Sean Baker, a fotografia memorável de Agnès Varda...

O exercício (B) estipulava que os alunos no período que abrangia todo o workshop – do primeiro dia até o último - fizessem uma pequena gravação diária, de modo a criar o hábito de sempre filmar algo relevante do dia de cada um, como um registro documental dos seus dias. O intuito deste exercício era que eles tivessem a quantidade de *footage* necessária para as últimas aulas, destinadas a montagem. Essa dinâmica constante resultaria mais tarde num diário em forma de vídeo, selecionando um segundo de cada dia para produção de um *supercut* daquele recorte de tempo entre o início e o fim das aulas. Assim, teriam *footage* suficiente para aprender a manusear os aplicativos de edição. A ideia é originária de um aplicativo – 1 second a day – só que, ao invés de usá-lo, eles teriam um primeiro acesso ao know-how da montagem por conta própria. O filme final deste exercício também era uma forma deles estarem a par das possibilidades que os aplicativos proporcionam, uma vez que a conectividade e integração de várias fontes é uma das variáveis disponíveis no uso dos

celulares para o processo criativo, dado que a linguagem fílmica nos celulares parece cada vez mais ter uma morfologia própria.

Por fim, o exercício principal é o (c), consistindo na realização de um filme entre 2 e 5 minutos. A única restrição feita para suas ideias seria não produzirem uma ficção, devido ao fator tempo vs produção, e à complexidade de concretização da mesma. Teriam liberdade, contudo, de constituírem qualquer ideia, compartilhar em sala o desenvolvimento da produção da mesma, ver quais as necessidades, como compor as imagens, como criar a dinâmica e a narrativa. Note-se que o que estava em pauta nessas produções não era sobretudo a avaliação estética, mas sim a consciência que estes mesmos alunos conseguiriam ter da produção de cinema.

O exercício em aula, e coletivo, era sobre o manuseamento do *gimball* e a captação de imagem. Na aula iríamos explorar as possibilidades de uma história curta (um homem desconhecido encaminhando uma carta importante para o presidente) e, depois da edição, mostrar como a escolha dos planos, das cores e do som influenciam a construção da narrativa.

### **2.2.3 Datas, local e divulgação**

Agora, com o conteúdo já estabelecido e com os exercícios em mente, era necessário arranjar o local para sediar o workshop, poder finalizar a parte gráfica e fazer a divulgação. O escritório da associação era reduzido e não poderia comportar a quantidade máxima de estudantes. Junto com a AMAM, entrou-se em contato com o Centro de Voluntários de Malta, uma instituição com sede na cidade Valletta que trabalha em parceria com as ONGs do país e que cede o espaço para reuniões, eventos ou workshops, através de agendamento prévio e disponibilidade das salas. O mesmo centro foi fundamental para a divulgação do workshop, divulgando o cartaz mais tarde através da lista de e-mails das ONGs de Malta parceiras, tudo sem custo;

As datas finais foram fechadas nos dias 20 e 21 de julho, 03, 04, 10 e 11 de agosto para as turmas aos finais de semana, e 22, 23, 29, 30 de julho e 05 e 06 de agosto para as aulas durante a semana. As aulas foram marcadas para as 15h. Junto com o cartaz, foi-se construindo um site<sup>12</sup> para divulgação do workshop e com os contatos para realizar a inscrição, enviando um e-mail ou mensagem de WhatsApp. Também foi enviado para a lista

---

<sup>12</sup><https://workshop4.onuniverse.com>

de e-mails dos voluntários da AMAM, para associações de comunidades africanas e divulgado em grupos nas redes sociais de imigrantes residentes em Malta.

Projetamos duas turmas, uma aos fins de semana e outra durante a semana. Devido à ausência do número mínimo (cinco pessoas) para as classes durante semana, decidimos cancelar a turma. Ao todo, 13 pessoas entraram em contato e 10 fizeram inscrição.

**AFRICAN MEDIA ASSOCIATION MALTA**

check more information at our site

workshop  
**LIGHTS,  
SMARTPHONE,  
ACTION!**

How to create films using your cellphone

**If you always wanted to take advantage of your cellphone and learn the necessary skills to create good films with it, well... This workshop is for you.**

From the idea to the final content, we are going to make it! What you need to do is send an email to [lightssmartphoneaction@gmail.com](mailto:lightssmartphoneaction@gmail.com) booking which group you want to join. And bring your smartphone charged!

Ah! And one more thing:  
Did we tell you this is a **free workshop**?  
If you have any question, send a message to Giacomo on 99908394

**6 days Workshop:**

Group A During the Weekend	Group B During the Week
July 20, 21	July 22, 23, 29, 30
Aug 03, 04, 10, 11	Aug. 05, 06
From 15:00 till 17:00	From 15:00 till 17:00

Venue: Volunteer Centre, 181, Melita Street, Valletta

Figura 4 - pôster do Workshop

#### 2.2.4 Aulas

A primeira aula, sediada no centro de voluntários, contou com 10 pessoas. Foi-se pedido que cada uma delas se apresentasse à turma e falasse um pouco de si, com o que trabalhavam e porque se interessaram pelo projeto. A turma contava com diversas

nacionalidades, com participantes franceses, camaroneses, suíços, suecos, belgas, romenos e brasileiros. Dos participantes, quatro eram jornalistas e o interesse do workshop estava atrelado a qualificação profissional. Outra participante estava interessada em desenvolver um projeto pessoal antigo. Quatro moravam provisoriamente no país, sendo que três estavam no país para aprender inglês.



Figura 5 - Primeiro dia de aula

A aula abordou os aspectos teóricos básicos relativos à fotografia (enquadramento, ângulo, planos) e movimento de câmera. Durante a classe foram explicitados os três exercícios do workshop, aqui já descritos anteriormente. Para o dia seguinte foi pedido o exercício do vídeo-paisagem e a ideia que gostariam de trabalhar para o vídeo final (C), além deles produzirem o exercício (B).

Falando em requisitos técnicos, indiquei alguns aplicativos para a edição: o *imovie* (para quem possuísse iPhone) e o Adobe rush ou o Adobe Premiere para quem possuísse *Android*. Estes aplicativos foram selecionados por serem sistemas gratuitos.

Ao fim da primeira classe foi realizado um experimento prático a ser editado e mostrado no dia seguinte. Os alunos entraram em contato com um *gimball* (fornecido pela AMAM), e como manuseá-lo. O exercício era focado em mostrar para os alunos como as imagens (sons e vídeos) estão sempre a serviço da história a ser contada. Os alunos participaram gravando e atuando para o vídeo. A história do exercício era a de uma carta enviada ao presidente por um personagem desconhecido, sendo entregue a um mensageiro e pôr fim a um terceiro (figura 6, 7, 8, 9)

Ao fim da primeira aula, o aluno Antoine informou que não poderia mais comparecer pois estava voltando para a França devido a questões familiares.

No segundo dia o workshop voltou-se para a explicação de FPS, slow motion, timelapse, luz, e como calibrar o branco nos celulares. Ao fim exibiu-se os exercícios do dia anterior para falar sobre som.

Com o *footage* produzido no dia anterior, editei em quatro diferentes modos, quatro diferentes gêneros cinematográficos, com diferentes trilhas sonoras e diferentes estéticas, ilustrando como a música (e também a montagem) altera o sentido das imagens. Logo após, conversamos sobre direitos autorais das músicas, quais músicas já eram de livre acesso e em que sites é possível achar trilhas sonoras e efeitos especiais de modo gratuito.

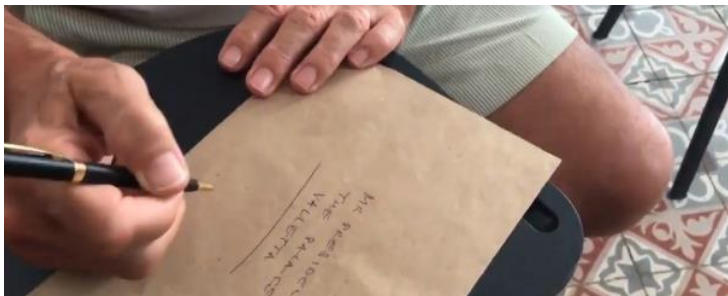


Figura 6 - Footage do exercício feito em aula.



Figura 7- Footage do exercício feito em aula.



Figura 8 - Footage do exercício feito em aula.



Figura 9 – Footage do exercício feito em aula.

Após isso, assistimos os vídeos do exercício (A) que os alunos gravaram, de um minuto. Conversamos principalmente sobre composição dos planos e as camadas, qual era a hierarquia de informações de cada imagem. Cada aluno teve o seu momento de falar e refletir sobre os vídeos.

Ao final, cada aluno comentou as ideias para o projeto final, que estão descritas ao longo do texto. Dos nove participantes restantes, três ainda não tinham desenvolvido nenhuma ideia.

Foi concordado com os alunos que eu estaria disponível a qualquer dia da semana caso eles quisessem praticar ou quisessem falar sobre o projeto. A aula no final de semana seguinte, destinada a parte prática, seria realizada no domingo em outra cidade, Mdina, para exercício coletivo e no outro dia para aulas individuais específicas para a captura de *footage*. Cada aluno teria um horário específico para as sessões. Junto às classes, enviei e-mails aos alunos com lembretes do workshop, e também ideias e referências que somavam ao workshop.

No dia 24 de julho me encontrei com a aluna Gracielly em Valletta para conversarmos sobre o projeto dela. Se tratava de um filme sobre o uso excessivo dos celulares frente a monumentos históricos malteses, uma crítica online versus offline. Foram feitas experimentações de como ela poderia enquadrar, “brincar” com os tipos de plano. Utilizamos a fonte dos tritões e os transeuntes como situação a ser explorada.



Figura 10 - Aluna Gracielly experimentando formas de gravação.

No dia 30 de julho me encontrei com a aluna Luísa e o aluno Léo. Luísa iria migrar para Barcelona e não teria tempo para realizar as três semanas de workshop. Logo, aproveitamos um dia da semana para captar a parte final do seu filme. Seu projeto era um compilado de momentos que a mesma tinha vivido em Malta durante o curso de inglês, motivo que a trouxe ao país antes de migrar de vez para Barcelona. Seu filme, então, acabou por se tornar um processo mais de montagem, a partir do que ela já tinha de registro dos últimos três meses. Luísa optou por produzir o vídeo na vertical, a fim de poder compartilhar em seu Instagram. Léo nos acompanhou para falar sobre o projeto dele, visto que tinha dúvidas em relação ao que realizar. Fomos primeiro a Blue Grotto e em seguida em direção aos Dingi Cliffs.



Figura 11 - Fim do dia de gravação com Luísa e Léo.

No dia 31 de julho me encontrei com a aluna Kátia em Sliema para falarmos sobre o projeto. Seu interesse era fazer um filme para a sua neta recém-nascida, que quando crescer será dado como um presente. Acordamos então de que a melhor forma de produzir isto seria ela escrever uma carta para a neta, que mais tarde seria o roteiro e a gravação em *off*, sendo o filme composto por imagens do bebê captadas por ela. No mesmo dia, Maurice enviou-me um e-mail notificando que não poderia comparecer mais as classes devido a sua falta de tempo durante os finais de semana. Ele estava inscrito para a turma durante a semana e já tinha me alertado pessoalmente que talvez não pudesse realizar o workshop integralmente.

No dia 1 de agosto me encontrei com a aluna Cristina em Bugibba. O projeto colocava a questão da qualidade de vida dos idosos em Malta e queria fazer uma analogia com as pedras da ilha, que se mantêm firmes com o passar do tempo. Ela também tinha estipulado que a trilha sonora fosse alguma ópera-rock. Neste encontro me concentrei em ensiná-la a manusear elementos básicos no celular, cortar os vídeos e salvá-los em uma pasta específica, para facilitar a montagem depois, visto que ela já possuía muitas gravações. Foi feito também uma limpeza do material. Saímos também pela região de Bugibba e Qwara para poder praticar as gravações.



Figura 12 - Aluna Cristina filmando em Buggiba.

No dia 3 voltamos as aulas no centro de voluntários para conversamos sobre dúvidas dos alunos. Horas antes eu me encontrei com Luísa para editarmos o seu vídeo, que foi mostrado em aula para os outros estudantes. Kátia levou um roteiro técnico, descrevendo as imagens que gostaria junto com cada trecho do roteiro. A aluna quis juntar em seu vídeo material que ela tinha filmado junto com os registros já feitos pelos pais da criança. Os alunos que estavam avançados acabaram por não comparecer a aula do dia seguinte.

No dia 4 de agosto eu e três alunos nos reunimos em Mdina para a captação de *footage* e alguns exercícios de enquadramento. Mdina e Rabat, se encaixavam no perfil de muitos filmes a serem produzidos. Apenas Maria, presente no grupo, não tinha o seu projeto definido.



Figura 13 - Aula prática em Mdina.



Figura 14 - Aula prática em Mdina.

7 de agosto: Belina me encaminhou o vídeo dela. A mesma compareceu apenas ao primeiro fim de semana de aulas e ela optou por realizar e montar tudo sozinha. Seu projeto foi um trailer (em sueco) e outro vídeo da vida dela sobre seu desenvolvimento pessoal em Malta.

No dia 8 de agosto em encontrei com Kátia para ajudá-la em uma cena, que para ela era fundamental. Nesse mesmo dia, ela foi ao mar para gravar a música e a cena inicial do vídeo. Acabamos por utilizar o meu celular para dar início a montagem e sincronizar as imagens com a narração.



Figura 15 - Preparação para filme de Kátia.

A última parte do workshop começou no dia 10 de agosto, para as aulas de montagem. Todavia, apenas três alunos apareceram. Duas participantes estavam viajando (Graci e Maria) e Belina, como já dito anteriormente, por ter terminado o seu filme, acabou por não aparecer mais. Cristina também não pode comparecer. O conteúdo passado foi principalmente o efeito-Kulechov e a explicação da “ilha de montagem” nos aplicativos, como manuseá-la, como funciona o sistema de edição com a linha do tempo e como inserir os arquivos para o programa (iMovie e Adobe Premiere). A maior dúvida dos alunos naquela altura era como ordenar as imagens para construir a “linha de raciocínio” do filme. Entramos na conversa sobre como a produção dos filmes geralmente se faz, através do storyboard, instrumento esse que facilita a visualização prévia antes da rodagem. Os alunos (principalmente Regine) disse que para ela teria sido mais fácil pensar no vídeo dela se soubesse dessa ferramenta, ela que naquela altura tinha algumas ideias, mas nada sólido – sua ideia principal era a produção de uma vídeo-reportagem, mas não tinha parado para pensar imagetivamente o tema. Kátia, que já estava quase no fim da montagem do seu vídeo, estava presente na aula para a finalizar junto a mim, uma vez que ela ainda não estava segura de como organizar os vídeos dentro da linha do tempo. Sua maior dificuldade estava

em achar os arquivos dentro das pastas do seu celular, de sistema Android. Conseguimos finalizar o seu filme. Léo, o outro aluno presente, esperou até o fim da classe para eu poder ajuda-lo a gravar a cena que tinha em mente. Conversamos sobre como poderíamos deixar o vídeo dele interessante. Léo criou uma coreografia para a música “Aquarela do Brasil”, que performou em vários pontos da ilha. Fomos à fonte frente a capital para a filmagem.



Figura 16 - Léo antes de gravar.

A aula do dia seguinte (11) foi cancelada através do grupo do workshop no WhatsApp. Organizei com os alunos interessados de me encontrar individualmente para finalizar os vídeos restantes.

No dia 20 de agosto, após o término regulamentar do workshop, fui encontrar Cristina em sua cidade, Bugibba, para ver se conseguiríamos terminar o filme dela. Como ela tinha muito material dentro do celular – muitos vídeos tremidos e outros muito curtos – passamos o dia selecionando o material que ela iria utilizar. O desafio maior neste dia era se manter no tema – que ela não precisava de mais material para o seu filme. Outro problema foi que o celular dela não suportava um aplicativo de editor de vídeo, o que impossibilitou a gente começar a editar o vídeo juntos.

No dia 25 de agosto me encontrei com Graci, que tinha retornado de viagem, para a gente finalizar o seu filme. Este foi o último encontro com os alunos do workshop, finalizando

assim o projeto e meu estágio com a African Media Association Malta. Dos 10 alunos do início do projeto, cinco conseguiram concluir seu vídeo final.



### 3. Análise crítica

Após a experiência do estágio, verifica-se uma série de análises críticas e autocríticas em relação ao projeto decorrido, a fim de avaliar se as intenções foram almejadas e o que poderia ter sido mais bem trabalhado. De modo geral, não obtive uma grande quantidade de nacionalidades como eu gostaria, sendo a maior dificuldade encontrada durante o projeto, de alcançar possíveis participantes interessados e que tivessem disponibilidade.

#### 3.1 Relativo ao conteúdo do workshop

Apesar de ter sido aqui justificado o porquê das minhas escolhas para o conteúdo do workshop, a experiência do processo me faz reavaliar as minhas decisões após reflexão. Não necessariamente relativo ao conteúdo em si, mas a forma como o conteúdo foi passado. O único assunto que apareceu como requisitado foi o storyboard, na última aula. Minha justificativa para não ter inserido o storyboard no conteúdo do projeto é que, a produção do exercício (c) seria mais orgânica (explorando o espaço geográfico de Malta, os transeuntes), e era difícil conceber onde o storyboard poderia se encaixar nesse contexto. O que foi dito em aula era da necessidade de ter um fio condutor que entrelaçasse as imagens de modo coerente com a história, como se pode ver através do vídeo realizado por Gracielly. Já no vídeo de Luísa, ela utilizou a cronologia do *footage* para a montagem. Entretanto, uma introdução sobre montagem nas primeiras aulas poderia sim ter ajudado os alunos a visualizar melhor como as filmagens se comportariam dentro da linha do tempo.

Visto que a parte prática reiterou o interesse dos alunos para o workshop, alguns tópicos teóricos poderiam ter sido apresentados em exercícios práticos dentro da sala de aula. Por exemplo, era possível ter utilizado o exercício da primeira aula (a carta) como fio condutor de toda a parte teórica, com os alunos experimentando os planos e os efeitos na hora. Como autocrítica, fiquei muito receoso com o conteúdo, e não me permiti explorar outras possibilidades, pois acreditava que isto poderia sobrecarregar os alunos com muitas informações ou assustá-los. Outro ponto que acredito que teria sido oportuno era a criação de um *folder* impresso com a informação do workshop para que eles tivessem um manual junto a eles, e quiçá contendo os exercícios descritivamente.

A caráter de reflexão, priorizei demasiadamente o exercício (C), como forma de poder explorar e observar as potencialidades fílmicas dos alunos, dando margem para eles descobrirem-se enquanto “pensadores cinematográficos”. Essa evolução também poderia ter sido vista na proposta de exercício (B), contudo, não se obteve um grande retorno, uma

vez que os alunos estavam mais focados no exercício (c). Também entendo que exercícios mais técnicos poderiam ter trazido outros tipos de resultados – exercícios propondo que eles reproduzissem certos tipos de ângulo, planos, a captação de um som específico.

Outro ponto que gostaria de ter trabalhado mais era os e-mails direcionados aos alunos, como uma forma indireta de fomentar a experiência do projeto. Os assuntos dos e-mails estavam atrelados ao que desenvolvíamos nas aulas durante as conversas, somado as pesquisas pessoais da área. Exemplo disso é no e-mail relacionado com o videoclipe do Devendra banhart para a canção “Abre las manos”, no qual o mesmo utiliza apenas fotografias da Capital Venezuelana, Caracas, de modo a acompanhar a canção. Esta escolha estava conectada com o projeto de Kátia, que quis utilizar fotografias em seu vídeo e com Maria, que estava incerta sobre a gravação, mas se sentia confiante em suas fotografias. Maria, por fim, queria usar então sua viagem de férias à Alemanha como projeto do seu vídeo, experimentando a plasticidade *kitsch* de fotos digitais com aspecto analógico.

Pensando em um próximo workshop, verifico a necessidade de pré-estabelecer um certo conteúdo para os e-mails e, concomitantemente, incorporar os assuntos trazidos em aula. Também gosto de imaginar o conteúdo do workshop fragmentado nesses três aspectos (pré-produção, produção e pós-produção) como módulos separados passíveis de serem trabalhados individualmente.

Como a montagem era a parte que os alunos tinham menos familiaridade, teria sido mais relevante priorizar o tema, antecipando o tema para as primeiras aulas. Acredito que com um conhecimento de montagem já em mente, teria sido mais fácil para os alunos de se desafiarem na hora de gravar e pensar executar o projeto. Também é válido ressaltar que quem sabe um workshop só de montagem ter relevância, todavia não utilizando os celulares, visto que há uma certa limitação de possibilidades dentro dos aplicativos de edição disponíveis para smartphones.

### **3.2 Relativo ao cronograma e formatação do workshop**

A autocrítica de maior importância do workshop foi a “escolha” da formatação do projeto. A decisão de dividir os workshops nos dois dias do final de semana durante um mês trouxe alguns ônus. O primeiro em relação a cativar o interesse dos participantes para um workshop tão longo. No fim do projeto, percebi que as últimas sessões poderiam ter sido inseridas nas aulas anteriores, aumentando a carga horária – três horas ao invés de duas. Segundo, pelos alunos levarem o workshop menos a sério durante o projeto. Mesmo após o fim regulamentar do workshop, acabei por me encontrar com os alunos individualmente para finalizar seus projetos, por exemplo. Engessei o projeto neste molde também por causa

do exercício (b). Acreditava que a proposta do exercício fosse estimuladora durante o intervalo de tempo do projeto, para que tivéssemos mais material a trabalhar na aula de montagem. O exercício (b) era uma demonstração dessa proposta de vídeo-diário, entrelaçado com a proposta original de aproximar as telas a vida social e a rotina desses estudantes também como algo válido.

Nesse momento, entendo que dois finais de semana teriam sido o suficiente. O primeiro dia para a parte fundamental, teórica de fotografia. O segundo para a apresentação das ideias, seguido com a teoria da montagem e do som. Durante a semana os alunos captam as imagens, usadas para a montagem no terceiro e quarto dia, se necessário, apresentando os filmes na última aula.

Outro ponto a ser levantado, é acerca dos requisitos dos celulares. Em nenhum momento foi-se restringido a inscrição de alunos devido ao celular que possuíam. O modelo do smartphone, o sistema operacional, a resolução da câmera não devia ser uma barreira para a inscrição. Isso iria de encontro a proposta do projeto. O celular seria mais um instrumento do que uma limitação. Não acreditava que pudesse haver barreiras na hora de utilizar os celulares. Na limitação de memória interna, uma conta em uma nuvem resolveria, por exemplo. Acontece que, apesar do otimismo frente aos smartphones, a prática mostrou-se diferente. Tirando Luísa, Belina e Léo, nesse aspecto, todos os demais participantes necessitaram de ajuda para finalizar o vídeo, devido incompatibilidade dos celulares com aplicativos de edição. Por fim tive que disponibilizar meu celular para que pudessem montar seus filmes, no caso de Kátia e Gracielly.

### **3.3 Relativo as produções**

Os exercícios propostos tinham como justificção a possibilidade de fazer uma análise sobre suas produções, as potencialidades intrínsecas de cada aluno enquanto filmmakers por vir. Estar próximo dos alunos permitiu-me uma diversidade de pensamentos sobre como melhorar o projeto posteriormente e também propor reflexões no âmbito cinematográfico.

A premissa simples é de que há um cineasta em potencial em cada indivíduo, atrelado ao seu poder de contar histórias, neste caso, se utilizando da imagem e som em movimento através do tempo. Quis explorar essas potencialidades dando a possibilidade deste modo de expressão para pessoas sem nenhum conhecimento técnico, com apenas o desejo de experimentar, encorajando os alunos a desenvolverem um processo de analogias e metáforas, abrindo o campo das interpretações das imagens e dos sons. Parte da premissa consistia no entendimento de que o consumo de produtos audiovisuais, no decorrer da vida, corrobora uma certa visão do mundo cinematográfica, intuitiva e subconsciente. Os

exercícios eram justamente para materializar essas expressões. Gosto de exemplificar através do Maurice, aonde o mesmo filma a sua esposa a assistir televisão para o exercício (a). Nota-se que há um certo pensamento por detrás da sua composição.

Maurice utiliza várias camadas para narrar a situação. A planta à frente, sua esposa entre as cortinas, e uma flor que aparece em certa altura com o balançar das cortinas. Nos filmes, quando colocamos a personagem dentro de um “quadrado”, expressa-se o sentimento de que a pessoa está “presa” em seus pensamentos, expressão essa que é possível de ver na expressão da personagem em questão. Ainda que Maurice não tivesse essa compreensão, acabou por utilizar um conhecimento subconsciente, a modo de retratar aquela cena. Esse exemplo retifica e valida a viabilidade deste workshop, onde os estudantes foram incentivados a expandir suas visões cinematográficas. Abaixo faço uma análise do desenvolvimento dos alunos e dos pontos chave dos vídeos finalizados do exercício (c).

### **3.3.1 Kátia**

Kátia se mostrou muito empenhada desde o início. Ela tinha um interesse bem claro: poder registrar toda o crescimento de sua recém-nascida neta, Moana, ainda que sem muito saber como desenvolver, além de tirar foto. Era um projeto que tinha antes mesmo do workshop. Quando soube, quis logo se inscrever. Não possuía nenhum domínio técnico na área do cinema – sua relação com arte era através do canto e da música. Sua proposta para o exercício (C) era um vídeo sobre sua neta. Como ela ainda é bebê, demorará um tempo para que a mesma possa ver o filme. A ideia então, era que Kátia fizesse uma carta para quando sua neta crescesse. Essa carta seria o seu roteiro. Gravou a carta em *off* sozinha. Com uma rotina de trabalho integral, utilizava-se do seu tempo livre para ir visitar o filho e a neta, para fazer captação de imagem. A mesma também fez uma busca de registros já feitos para poder compor seu vídeo, pois acreditava ser relevante para a história. Na terceira aula, Kátia trouxe um roteiro técnico, com a carta escrita e subdivida em cenas, as imagens para cada parte e sincronizando a narração com as imagens.

O desafio para com ela era de abrir o campo dos significados, toda vez que a mesma tinha dificuldade para pensar em uma imagem que compusesse o roteiro. Para ela era mais fácil assimilar o roteiro com imagens diretas, literais. Ao mesmo tempo, tinha em mente certas cenas bem metafóricas. Seu vídeo, que aborda a conexão da neta com a água graças a relação dos pais, tem uma entrada muito simbólica, da imagem de ultrassom da bebê chegando a praia pelo mar. Como se Moana fosse um presente que veio das águas. Katia também se utiliza de um tom fantasioso para ilustrar os pais à neta (a mãe sendo sereia).

O interessante é parte do roteiro elaborar explicações da origem para a bebê neste tom, justificando a escolha do seu nome e situando a bebê em algumas questões que as crianças geralmente possuem. Interroga-se no filme, por exemplo, o pertencimento deste bebê, de DNA brasileiro nascido em Malta. O que torna a questão da nacionalidade ainda em aberto. A própria Kátia nascida no Brasil, com nacionalidade suíça, é imigrante há 25 anos. Ela não sente que tenha uma conexão cultural e de pertencimento tão forte, ainda tendo família na Bahia. Essa questão em aberto também se estende a neta, de DNA Brasileiro, mas nascida em terras maltesas. Outro ponto válido de ser falado em relação ao filme é a parte final, após o fim da narração, com a cena do berço em zoom out mostrando o quarto. Dá claramente para ver que há um pensamento nessa e nas outras escolhas feitas por Kátia.

Os desafios enfrentados com Kátia eram mais relativos as escolhas das imagens. Em alguns pontos do roteiro, ela não tinha ideia da imagem a se encaixar, e, por outro lado, ela tinha muito material que queria inserir no filme a todo custo. Esse foi o processo mais laborioso, de tentativa e erro em alguns pontos do filme, que acredito que é possível enxergar.

No dia 24 de agosto, Kátia me convidou para sua festa de aniversário, quando ela quis mostrar o seu vídeo para a família e amigos pela primeira vez.



Figura 17 - Família de Kátia assistindo o filme.

### 3.3.2 Gracielly

Sua ideia para o projeto veio após o exercício (a), com o *footage* das pessoas utilizando os celulares em frente de uma baía. Seu projeto então se trata de um questionamento sobre o uso dos celulares constantemente em oposição as belezas locais de malta e monumentos. Sua questão estava centrada nesse uso demasiado dos aparelhos que roubavam a atenção dos turistas mais do que a própria paisagem. Interessante pensar que o projeto de Graci traz

uma camada metalinguística para o seu projeto, que também utiliza o celular para o seu filme, dando um passo para trás e filmando a interação dos turistas com o espaço. Seu objetivo não era julgar ou condenar tal tipo de conduta, mas sim expor um espectro sensível já normalizado culturalmente, que é o constante registro fotográfico e cinematográfico em nossa sociedade.

Peguemos a quarta cena do seu filme. No quadro aparece um grupo de jovens e uma trepadeira cobrindo a fachada de uma casa. A ação presente na cena é o ato de uma dessas jovens de tirar uma foto e logo em seguida mostrar tal captação à sua amiga. Reitera-se nessa composição que tão importante quanto aquela árvore, é o registro da mesma. Logo, porventura, tudo é passível de registro a medida da qualidade visual do mesmo. Outra captação interessante é nas cenas que as pessoas “dão as costas” para o objeto em questão, valorizando a presença dos mesmos através do registro e não através de um processo de deslumbramento, ou uma interação direta. O resultado da fotografia aparece como propósito.

Qualifica-se que o vídeo de Gracielly traz pontos interessantes no momento da montagem. Existe uma linha de pensamento coerente na forma que estrutura suas imagens. O filme começa com um plano geral de uma igreja da cidade de Mdina, e segue com uma turista se arrumando para a foto. Quando a música cresce, se revela o assunto do vídeo em *travelling*. Em todas as cenas há aparição de uma tela ou uma relação para com, ainda que não seja óbvio nas duas primeiras cenas. Durante o decorrer do filme se mostra uma variedade de planos e diferentes formas que a proposta se apresenta, desde os turistas interagindo com o meio até um desconhecido se intrometendo em outra gravação. Nesse percurso também é possível ver uma construção de movimento na montagem, de um movimento de câmera seguido entre as cenas.



Figura 18 - primeiro plano da cena.



Figura 19 - segundo plano da cena



Figura 20 - terceiro plano da cena.

Nessa parte, Graci mostra a sequência de um senhor gravando a paisagem (Figura 18), uma panorâmica desta paisagem (figura 19), e em seguida várias pessoas debruçadas para achar um espaço para ver a vista e captar uma foto (20).

A montagem também segue uma coerência temporal e espacial. Primeiro começa-se em Mdina. Depois, segue-se para a água da fonte e do mar, passa-se pelo pôr-do-sol brevemente e finaliza-se com cenas à noite. Noto que há duas cenas semelhantes, no início do filme com a turista levantando o braço para filmar e ao fim um homem repetindo o mesmo movimento, erguendo os braços para capturar uma foto.

A trilha sonora foi usada para sustentar uma relação de certo desconforto e repetição, provocando a ruptura de uma certa “coerência” do filme.

Apesar da qualidade do trabalho, há pontos que poderiam ter sido melhorados. O primeiro aspecto é que uma parte do *footage* teve que ser descartado pela falta de estabilidade dos

vídeos, e alguns outros tiveram que ser recortados consideravelmente devido aos mesmos critérios. Outra questão foi que Gracielly até então não tinha certeza se iria fazer seu vídeo na horizontal ou na vertical. Nessa indecisão acabou-se filmando dos dois modos, perdendo então a qualidade dos vídeos utilizados para o filme final. Como o seu propósito não era um filme para redes sociais, foi-se acordado posteriormente em montar na horizontal, uma vez que seu filme pode ter um alcance maior nesse formato.

### **3.3.3 Léo**

Léo tinha duas propostas para o projeto. Uma era um vídeo expondo a sujeira e o lixo nas praias que os transeuntes deixam, fazendo uma ação social limpando as mesmas. A outra ideia para o projeto era fazer uma explicação de como a dança o ajudou a se aproximar das pessoas, como instrumento de socialização e de vínculo, além dos benefícios dessa expressão na vida. A proposta da dança tinha mais correlação com o projeto, na medida que o workshop se instaura no desejo de explorar as camadas subjetivas dos participantes. Então, o aluno Léo elaborou uma coreografia para ter-se como base para seu filme. O que conversamos era dele fazer a mesma coreografia em vários pontos da ilha para poder-se fazer uma conexão entre os locais através da montagem. Léo tinha um desejo forte de inserir os registros prévios ao workshop no seu projeto final. Utilizou não apenas captação própria, mas também vídeos de terceiros nos quais ele aparece.

Me mantive presente com ele na hora da montagem inicial para indicar uma forma coerente montagem, com a coreografia sendo a base do filme e os enxertos dos momentos com as outras pessoas ilustrando essa relação. O resto da montagem Léo produziu sozinho. Para ele, era importante registrar os marcos que teve durante o seu intercâmbio. Houve escolhas dele, na perspectiva da montagem, que quebra um pouco a dinâmica do vídeo, quando ele por exemplo alterna o som da trilha sonora com o som bruto de alguns enxertos. Léo, também, por querer utilizar tais footage de momentos preciosos para ele, foi alternando entre vídeos gravados na horizontal e na vertical. Tanto no filme de Léo como no de Luísa, é perceptível analisar o peso que as mídias sociais carregam na gravação, seleção e distribuição desses filmes produzidos. Esses dois filmes promovem os realizadores de cada filme. Para além, promovem um ideal do próprio ser, como gostariam de serem retratados, a se tornarem personagens centrais (ou desejam ser) nas memórias das suas possíveis audiências nas redes sociais. Cabe aqui então uma reflexão sobre a reiteração da importância da audiência como sendo primordial para o próprio propósito do filme. Desvincular quem é Léo e Luísa (isto é, não ter conhecimento prévio de quem atua nos filmes) das produções foge-se ao entendimento completo destes mesmos. Por outro lado, tais filmes podem vir a ser um convite para apresentar quem são.

Retomando, acredito que minhas divergências na minha visão para com a do Léo sobre seu filme são relativas às escolhas que o mesmo fez na seleção dos vídeos. É possível ver tipografias soltas nas cenas e as alternâncias dos vídeos na horizontal e vertical. Também é possível ver que não há um certo pensamento na montagem do filme final com o todo. Essas divergências e falta de detalhes não alteram a mensagem do filme; só é perceptível estas questões quando temos um olhar mais técnico e profundo para o filme. Todavia, o projeto de Léo entrega o resultado que se propõe: partilhar com seu círculo social sua experiência na perspectiva da dança.

### **3.3.4 Luísa**

O primeiro filme concluído no projeto, conta a narrativa pessoal de Luísa nas ilhas maltesas antes de migrar para a Espanha. Formada em jornalismo, Luísa quis retratar o seu processo de passagem em Malta através de um compilado dos registros que tinha até então. O desafio era, de certo modo, traduzir este footage em uma experiência mais cinematográfica. Luísa foi a única participante que decidiu fazer o seu filme na vertical, pois o seu objetivo era compartilhar no Instagram. Como já tinha um entendimento básico prévio, boa parte do seu footage foi gravado em 4k, a modo de preservar a qualidade de resolução. Como já descrito, a montagem foi feita através da ordem cronológica dos footage, uma produção linear dos acontecimentos. Seu filme mostra uma certa proximidade de Luísa com a audiência, fator este que é viabilizado pelas mídias sociais. Nessa transmediação entre telas e gravações é que há um ponto chave simbólico para o seu filme. Em conversas enquanto montamos o seu filme, Luísa quis colocar um vídeo chamada com a sua mãe. Para ela, era importante mostrar essa conexão do lugar de origem com sua nova residência. Para isso, Luísa utilizou a cena do arco-íris, em movimento de câmera, entre a cena da vídeo-chamada e a cena do pôr-do-sol em Malta. Seu filme promove a mesma dinâmica do filme de Léo, alternando a trilha sonora com o som bruto dos vídeos.

### **3.3.5 Belina**

Apesar de ter recebido o exercício (c) de Belina (que produziu ainda um trailer para o filme), foi a aluna mais distante em relação ao processo criativo. Compareceu as duas primeiras aulas apenas. Seu projeto era “self-empowerment”, fazendo um resumo do seu cotidiano enquanto sueca morando em Malta. Belina se mudou devido ao trabalho. Apesar de eu assistir o vídeo, não tive a possibilidade de entender quais eram as intenções dela na escolha das cenas e ter um brainstorm para poder auxiliar numa melhor expressão de sua ideia. O que se entende em seu filme é o tom de aventura, de explorar a ilha e suas atividades ao ar livre, como ler e fazer exercícios. Se apresenta como uma janela para que possamos acompanhá-la nesse processo de interação e descoberta. Na perspectiva cinematográfica,

não apresenta um pensamento enquanto estrutura. Acredito que o filme de Belina tem uma conexão com os filmes produzidos de Léo e Luísa, que optam por realçar suas qualidades pessoais, mirando a câmera para si, nesse processo consciente de se auto visibilizar, se autopromover. Gosto muito da pro atividade de Belina em produzir um trailer sobre o mesmo tema, em sueco. Acredito que o trailer traz muito mais uma sensação verdadeira do que ela tem tido como experiência do que o filme final.

### **3.3.6 Cristina**

Apesar de Cristina não ter terminado seu vídeo, acredito que sua ideia para o projeto seja válida de ser comentada. Seu projeto era mostrar como Malta era “old-friendly”, isto é, como as pessoas da terceira idade tinham qualidade de vida aqui na ilha e contrastar esse ponto com uma metáfora das pedras seculares dos castelos e edifícios da ilha, como fundações que sustentam a estrutura. Para a trilha sonora, ela quis utilizar alguma ópera rock, a modo de reforçar a questão das pedras e da sustentação. A ideia consistia então nessa saudação à terceira idade. Como Cristina estava muito determinada, acabava por sempre agregar uma outra ideia para o projeto, pelo que foi preciso podar o excesso de ideias paralelas e se focar no exercício em si.

Me encontrei com Cristina duas vezes para além das classes, descritas acima. O maior desafio para com ela foi se focar no projeto e não em assuntos paralelos. Não havendo barreira entre o pessoal e o profissional, foi difícil a concentração para a realização do filme. Na última vez que me encontrei com ela, nosso tempo foi usado para fazer uma limpeza dos arquivos que não utilizamos e o download de um aplicativo para edição. Ao fim do dia ela iria colocar os arquivos na nuvem para eu poder visualizar o footage e ajudá-la na “limpeza” do material para o nosso encontro. Cristina não conseguiu transferir os arquivos para uma nuvem e acabou por não dar continuidade para o seu filme por incompatibilidade de horários. Apesar de não ter finalizado o seu vídeo, acredito que o processo criativo seja interessante de ser apreciado aqui.

## **3.4 Balanço Geral.**

Necessita-se por fim avaliar os erros e acertos do projeto, a modo de se conscientizar de experiência obtida. De modo geral, os filmes realizados pelos os alunos mostram uma extensão de temas que se relacionam e propõe reflexões de pertencimento e identidade. Tratando-se de um workshop direcionado para a construção de narrativas pessoais, os participantes tiveram êxito ao conseguirem exprimir não só percepções do mundo, mas percepções de si. Conseguiram se apropriar de técnicas e regras da linguagem fílmica e converter esses aprendizados teóricos em momentos de teor cinematográfico. Tiveram a

capacidade de abstrair pensamentos rígidos e formar metáforas, refletindo. Gostaria, por fim, que todos os alunos do programa tivessem tido tempo e disponibilidade para concluir o exercício final. A experiência do workshop me atenta para quais correções são necessárias para um melhor aproveitamento do tempo e do aprendizado caso haja novas edições. Aprecio de que em algum modo foi possível aproximar as técnicas e teoria cinematográfica de um modo acessível às pessoas que se disponibilizaram a ampliar seus conhecimentos. Um fator surpresa foi a inscrição considerável de pessoas acima dos quarentas anos, lançando-me também a reflexão de que há sim uma necessidade de abrir possibilidades para os que não foram nascidos na era digital de manusear estas ferramentas.

Um ponto desafiador dentro do universo dos celulares foi achar uma rigidez dentro das estruturas formais do cinema. “Uma vez que possuo um dispositivo digital ligado à internet, tenho na palma da mão todo um universo de som, texto e imagem”. (pg 26, Chatfield). Ainda que o livro de Tom chatfield tenha sido escrito em 2012, esse universo de interações entre texto, imagem e som amplia-se em suas correlações. Por conseguinte, manter tal estrutura formal do cinema parece pouco convencional numa plataforma tão transmidiática. Efeitos de instagram e a necessidade de fomentar redes digitais foram uma das vias dos filmes produzido pelos alunos. Se, de um lado, a estrutura cinematográfica é interferida por outras linguagens midiáticas digitais, do outro abre-se as portas para cada vez mais um projeto criativo/artístico se calcar no universo das mídias e de outras técnicas digitais. É interessante pensar como a manipulação de fotos e vídeos se tornam tão rápidas quanto a suas produções. Essa instantaneidade pode causar inclusive indagações no que se refere a veracidade da informação produzida, a partir da mescla do que é real e digital. Ainda que a soma de fantasia e realidade se convergem cada dia mais, é importante ressaltar a distinção de ambas.

Todavia, sinto que o objetivo maior de ter uma diversidade de nacionalidade em aula não foi atingido totalmente. O workshop, na forma como foi planejado, teve este formato para receber a maior diversidade possível. Querer integrar uma abrangência de nacionalidades, com diferentes costumes culturais e hábitos, agora me parece um objetivo que demanda tempo e conhecimento dessas correlações. Será mais efetivo levar as próximas edições a grupos específicos, com uma identidade comum, pois o objetivo maior é levar este conhecimento de modo acessível a qualquer comunidade.

Relativo à escolha da instituição, a African Media Association Malta me deu todo o suporte necessário para poder produzir meu projeto de forma autônoma, ao mesmo tempo me possibilitando estender meu conhecimento prático na área do cinema, das organizações não

governamentais e dos efeitos na comunidade e sociedade. Por sorte, também tive a possibilidade de trabalhar com o projeto UPGRADE\_ME. Todavia, sinto que, por ser uma instituição de mídia de modo geral, essa abrangência dissipou a minha concentração para o aprendizado na área do cinema. Por fim, agradeço Regine Psaila e Natália Padrón por me orientarem para uma ética e amadurecimento profissional dentro de um ambiente de trabalho. Colaborei com a empresa não só na parte cinematográfica, mas com todo o aporte de conhecimento na área de comunicação para melhoria da empresa.

## 4. Conclusão

O estágio realizado na African Media Association Malta colaborou para um abrangente e rico crescimento pessoal e profissional. Após uma transição de campo (saindo da área de publicidade e propaganda e migrando para o cinema), a inserção no mercado de trabalho na minha área de interesse parecia distante. Após o estágio, pude reiterar meu conhecimento enquanto comunicólogo e aprofundar os meus estudos na área do cinema, em caráter prático e experimental.

A parte benéfica desse estágio híbrido foi a possibilidade de uma transição entre as duas áreas, me dando a confiança necessária para estabelecer minhas habilidades dentro dos campos. Na parte comunicacional, operei enquanto catalisador das potências da instituição, organizando e promovendo a instituição de modo a refletir seus reais valores e projetos. Deixo a instituição seguro que meu trabalho feito lá terá efeito positivo de longo prazo. No campo do cinema, interfeirei na rotina de indivíduos sem conhecimento algum na área, ensinando-os a ampliar suas visões de mundo subjetivo e a expressá-las através das atividades realizadas.

A possibilidade de mesclar as duas áreas no mesmo estágio estimulou um conhecimento amplo na área da comunicação. Em países como a Finlândia, Reino Unido e França, o aprendizado das mídias ocorre antes da universidade, estimulando a análises de notícias e produção da mesma. Após o estágio, me parece inerente que as ferramentas as quais hoje estão disponíveis irão colaborar para a produção de uma cultura e educação audiovisual cada vez mais cedo. É seguro dizer que estas políticas educacionais promovem cidadãos ativos e mais preparados para conseguirem se expressar midiaticamente e gerar maior interesse para a área do cinema e das mídias. Na França, por exemplo, as escolas levam os alunos para o cinema e conversam sobre conceitos do filme. Esta realidade europeia é distinta dos demais países, sobretudo periféricos. O acesso a este tipo de conhecimento cada vez mais cedo é um privilégio de poucos. O projeto do workshop aqui foi permitir o acesso a um conhecimento teórico e prático do cinema àqueles que não tiveram oportunidade.

Entende-se o poder pedagógico que o workshop teve nos alunos. Adentrar-se na própria psique e produzir de modo coerente um filme, quer seja ele curte ou longo, demanda certas habilidades de ordem prática e lógica teórica, conjugadas com a intuição artística para expressar o tema do seu filme de modo coerente. As experiências obtidas constroem um novo olhar individual em cada aluno, engajando-me a estender o projeto a outras

comunidades e a procurar novas parcerias. Não percebo o workshop como uma peça final acabada, mas como o início de um processo que pode vir a ter melhores resultados com o passar do tempo. Agradeço aos alunos que dedicaram o seu tempo e que, com determinação, se permitiram a crescer com a experiência.

Ter estabelecido o desenvolvimento do workshop através de um método construtivista trouxe resultados diferente dos estabelecidos inicialmente. Se o objetivo de trabalhar com uma diversidade cultural ficou no meio do caminho (houve um maior número de europeus do que eu esperava), o workshop só contou com imigrantes, pessoas desvinculadas da sua terra natal.

Estar na posição de pedagogo, por assim dizer, realçou um desejo pessoal prévio, um dos caminhos que eu pretendo percorrer mais à frente. Durante a realização de cada filme junto aos alunos, o pensar cinema juntos contribuiu para a minha confiança em fazer filmes também. A partilha da ideia, dos ajustes necessários, a organização das cenas e a presença na finalização me encoraja também a lançar um olhar para mim mesmo enquanto criador ativo no campo do cinema. O estágio não definiu quais são os passos a seguir daqui para a frente, mas definitivamente me ajudou a querer trabalhar com cinema ainda mais.

## Referências Bibliográficas

Chatfield, T. (2012), *como aproveitar ao máximo a era digital*, Edição especial: the school of life/ expresso.

Gerbase, C., (2012), *Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando*. Editora Artes e Ofícios.

Grillo, J. M. (2017), *As lições do Cinema. Manual de Filmologia*. Edições Colibri/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

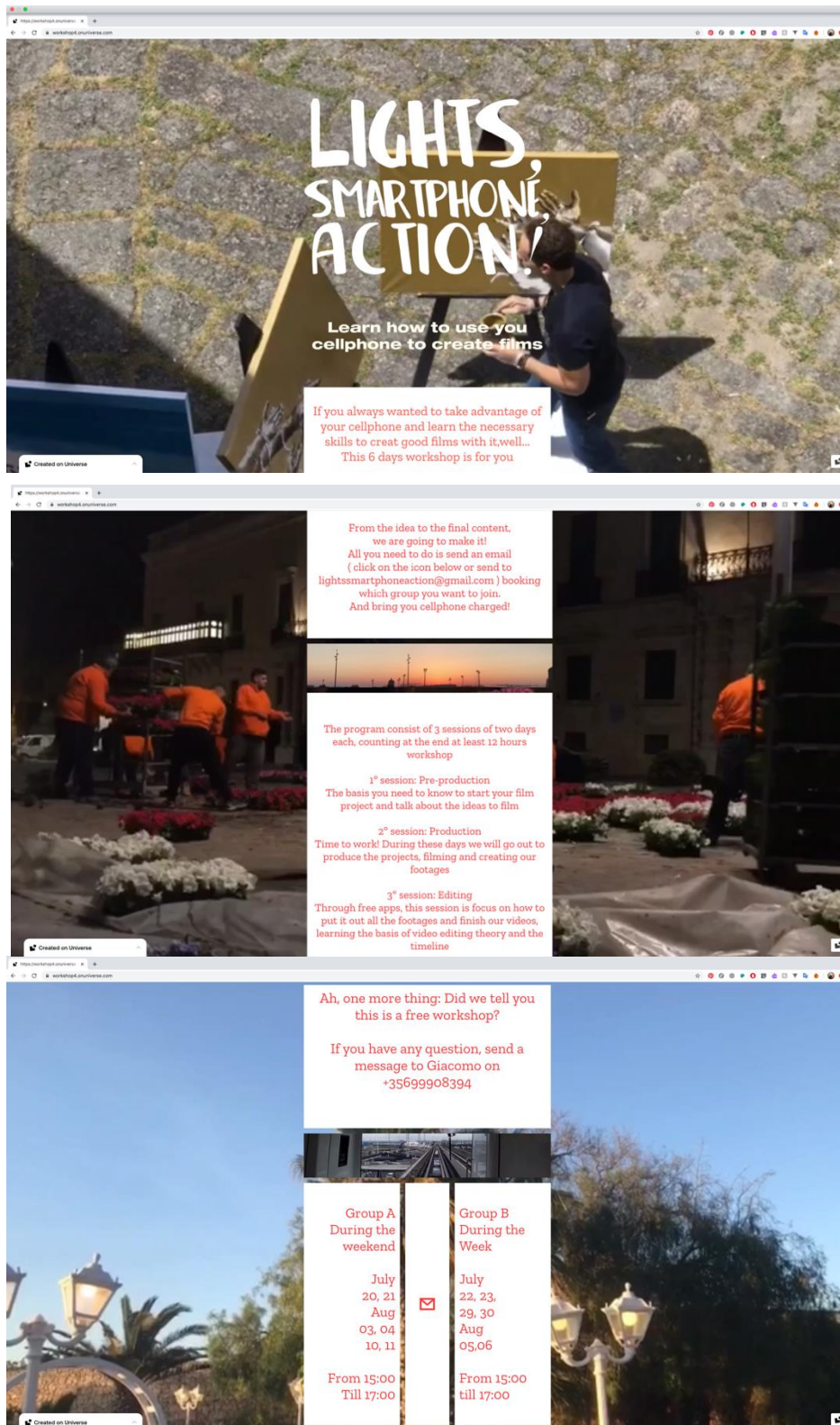
Higino, N. (2010), *Álvaro Siza. Desenhar a Hospitalidade*, Edição casa da arquitetura.

Macluhan, M. (1969), *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Editora Cultrix



# Anexos






Site produzido para o workshop: [workshop4.onuniverse.com](http://workshop4.onuniverse.com)



Slides da primeira aula

The image displays a grid of 30 presentation slides, numbered 1 through 30, arranged in 5 rows and 6 columns. The slides are as follows:

- Slide 1:** "LIGHTS, SMARTPHONE, ACTION!" with a smartphone icon.
- Slide 2:** "Cinema" with an image of a theater.
- Slide 3:** "Cinema" with an image of a theater.
- Slide 4:** "The magic of the cinema: light, space and time. How to use this magic to tell a story" with an image of a palm tree.
- Slide 5:** "Telling stories was the first thing we started to do as a society." with an image of people in a field.
- Slide 6:** "MOVIE" with a teal background.
- Slide 7:** "VOVO" with an image of a sunset.
- Slide 8:** "2009" with a smartphone image and "Jonas Mekas" text.
- Slide 9:** "2006" and "2009" with smartphone images.
- Slide 10:** "The workshop program" with a list of steps: 1. Learn how to think in a cinematic way, 2. Produce a 4-5 minutes film project, 3. Finalize your film and produce a final trailer. Dates: 05-08 Aug, 08-11 Aug.
- Slide 11:** "MOVIE" with a teal background.
- Slide 12:** "Filmmaker" with a diagram showing the relationship between "Your phone", "Your camera", "Your computer", and "Your phone".
- Slide 13:** "3. Produce 2-5 minutes video" with instructions: Give participants of the workshop the chance to be encouraged to produce one short video based on the second idea. Each participant will have 10 minutes to plan, film and edit their video.
- Slide 14:** A large yellow question mark.
- Slide 15:** "The workshop program" with instructions: Think cinematographic language to people without prior knowledge, to enable new narratives aligned with current technologies. Dates: 05-08 Aug, 08-11 Aug.
- Slide 16:** "Medium shot" with an image of a person.
- Slide 17:** "3 exercises" with a large number 3.
- Slide 18:** "1. Record 1 minute video - assignment (tomorrow)", "2. Film everyday at least 5 seconds (at least three times) until the end of workshop", "3. Produce 2-5 minutes video".
- Slide 19:** "3. Produce 2-5 minutes video" with instructions: Give participants of the workshop the chance to be encouraged to produce one short video based on the second idea. Each participant will have 10 minutes to plan, film and edit their video.
- Slide 20:** "Long shot" with an image of a landscape.
- Slide 21:** "Shots" with an image of a sunset.
- Slide 22:** "Medium shot" with an image of a person.
- Slide 23:** "Exercise Conversation" with an image of hands.
- Slide 24:** "Every person has a unique way to see the world and this translated to Filmmaker work".
- Slide 25:** "Framing" with two images: "Shot 1 of Peter" and "Shot 2 of Peter".
- Slide 26:** "Close up" with an image of a cat's face.
- Slide 27:** "Framing" with two images: "Shot 1 of Peter" and "Shot 2 of Peter".
- Slide 28:** "Framing" with an image of a landscape.
- Slide 29:** "Exercise Conversation" with an image of hands.
- Slide 30:** "Every person has a unique way to see the world and this translated to Filmmaker work".

 <p>AFRILIAN MEDIA</p>	<p><b>FPS</b> Frames per second</p> <p>Movies 24fps</p> <p>TV 30fps</p>  <p>Stop Motion at least 12 FPS</p>	 
<p><b>slow motion x Timelapse</b></p> <p>Compress and accelerate the video</p> <p>48 Fps 60 Fps 120 Fps 240 Fps ( Bigger the</p>	<p><b>LIGHTS</b> 3 points of light</p>	<p><b>Sound</b></p>
<p><b>An image in motion is not something concrete</b></p>		<p><b>Your videos</b></p>

## E-mails encaminhados com outros conteúdos durante o projeto

Workshop News! [Caixa de entrada x](#)



**LSA workshop** <lightsmartphoneaction@gmail.com>  
para graebittencourt, mariahalip00, langluisa.lane, rpsaila.africanmedia, belina.klintberg, Maurice, kaalleva08 ▾

Hello Girls! (and Maurice!)

First I would like to thank you very much for your presence and commitment in the first two classes. Definitely, your presence made the difference for the experience.

Secondly, I suggest you watch the Trailer of *Elena*, A Brazilian documentary that uses a lot of personal footages of the director to make the storytelling, which gives this intimacy feeling and still produce very nice images. Also, is a good reference to you realize how to compose a background voice combined with the images

Elena Trailer  
<https://www.youtube.com/watch?v=HUYsE29ufuM>

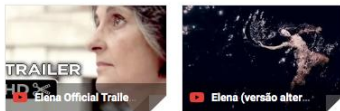
Elena Film  
<https://www.youtube.com/watch?v=ZzthB6xev6U> (the quality is not so good, but still it works)

Our next meeting is scheduled to happen on 3 and 4 August - these days it will be used to film your projects individually, so we need to divide the shifts for the filming. It can also be on other days if it is better for you.

I created a file on google drive for each one of you, to upload the video if you want to save them in another place and free the memory of your cellphone if you need.

If you have questions please don't hesitate to text me.

Best Regards, Giacomo.



**LSA workshop** <lightsmartphoneaction@gmail.com>  
para mariahalip00, rpsaila.africanmedia, belina.klintberg, Maurice, kaalleva08, gracibittencourt, langluisa.lane, Cristinageremias ▾

Hello filmmakers!

Today I'll show to you an example of how your 5sec. daily videos will look like at the end of the programme. It's okay if you miss one day, but keep doing every time you remember

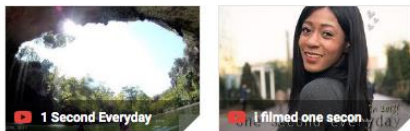
[https://www.youtube.com/watch?v=lyx6O\\_WFJhU](https://www.youtube.com/watch?v=lyx6O_WFJhU)  
<https://www.youtube.com/watch?v=IDtABkuN7XI>

From this daily 5sec we will select one second to produce this short movie diary of this period. It's a good way to save our memories and also to share our experiences. If you want to start playing, you can download the app 1 second everyday.

If you have any doubt or question just let me know.

Best and regards,  
Giacomo

...





**LSA workshop** <lightssmartphoneaction@gmail.com>  
para mariahalip00, rpsaila.africanmedia, belina.klintberg, kaalleva08, gracibittencourt, langluisa.lang, Cristinageremias, leo.mineiro85, Maurice ▾

Hello Students

I hope you are fine.

Our Editing class is coming so I want to suggest to you what apps you can use to start to edit.

**For iPhone:**

the best one for sure is the iMovie, from Appel itself. Is easy to manage and you have the basis to start to edit.

<https://apps.apple.com/us/app/imovie/id377298193?amp%3Bv0=www-us-ios-imovie-app-imovie>

The bad point its a heavy app (700mb). So if you want an alternative you can use Premiere

<https://apps.apple.com/us/app/adobe-premiere-rush/id1188753863>

Another option is the app Wevideo, you can use my account to create your videos - in this way you won't have a watermark on your video.

<https://apps.apple.com/us/app/wevideo-movie-video-editor/id615796920>

username: [gjazcosmos@gmail.com](mailto:gjazcosmos@gmail.com)

password: 123456

**For Android**

Wevideo, you can use my account to create your videos - in this way you won't have a watermark on your video.

<https://apps.apple.com/us/app/wevideo-movie-video-editor/id615796920>

username: [gjazcosmos@gmail.com](mailto:gjazcosmos@gmail.com)

password: 123456

Or if you want another option you can use Premiere

<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.adobe.premiereclip&hl=pt>

If you have questions let me know. See you Saturday

Best Regards,  
Giacomo.

\*\*\*

Responder

Responder a todos

Encaminhar



**LSA workshop** <lightssmartphoneaction@gmail.com>

para gracibittencourt, langluisa.lang, Cristinageremias, mariahalip00, langluisa.lane, rpsaila.africanmedia, belina.klintberg, Maurice, kaalleva08 ▾

Hello students,

I hope you are fine.

For today, I want you to give a look in this video clip, using only photos ( creative commons rights )

<https://www.youtube.com/watch?v=2wNWYjzQc5c>

Notice that the first seconds the video give the context about where it ts.

Also, the sequence of the photos guides you through the city, composing the story

For example, at 1:50 till 2:30 we go up to the mountain, see the view from there and come back to the city.

It's a nice example that photos also can tell a story

Thank you so much and have a nice day.

\*\*\*

